

Alina Villalva
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
email: ulflalin@cc.fc.ul.pt

CONFIGURAÇÕES NÃO-BINÁRIAS EM MORFOLOGIA

1. A ramificação binária tem sido proposta e aceite como um princípio regulador das estruturas morfológicas, quer no domínio da afixação (cf. Aronoff 1976, Lieber 1980, Scalise 1984), quer no domínio da composição (cf. Scalise 1984, Spencer 1991). Lieber (1980: 32) formula este **princípio de ramificação binária** do seguinte modo:

- (1) «My system contains a single context free rewrite rule which will generate unlabeled binary branching tree structures.»

A justificação, porém, é frágil. Segundo esta autora (cf. Lieber 1980: 32-33)

- (2) «Nothing in the following discussion hinges on the choice of binary branching, as opposed to n-ary branching tree structure: there simply seem to be no phenomena in the languages I have examined so far for which n-ary branching lexical structure is necessary. A hypothetical example that might justify ternary branching structure, for example, would be a discontinuous affix X ... Y such that XZY is a complete word formed by affixing X ... Y to some Z belonging to a specified category, and neither XZ or ZY are words.»

Com efeito, o exemplo hipotético de Lieber parece feito à medida das chamadas **formas parassintéticas**, particularmente frequentes nas línguas românicas como o Português:

- | | | | |
|-----|----------------------|--------------------------|-------------------------|
| (3) | [a] [mol] [ec] er | *amole _{ADJ} | *molecer _V |
| | [a] [pedr] [ej] ar | *apedra _N | *pedrejar _V |
| | [des] [rat] [iz] ar | *desrato _N | *ratizar _V |
| | [em] [palid] [ec] er | *empálido _{ADJ} | *palidecer _V |
| | [en] [raiv] [ec] er | *enraiva _N | *raivecer _V |
| | [es] [faqu] [e] ar | *esfaca _{ADJ} | *faquear _V |

As formas parassintéticas não são, contudo, as únicas potenciais estruturas não-binárias. Bauer (1978: 129), por exemplo, refere que

- (4) «It has often been claimed that compounds are binary, that is, however many elements go into making up a compound it can always be split into two major elements, each of which may be split in two and so on. By and large, this holds true [.] but [] this fails to hold in *dvandva*¹ compounds, which may have three elements of equal status - *bleu-blanc-rouge*, *Rank-Hovis-McDougal* - and there would seem to be no theoretical reason why there should not be more».

E até Stephen R. Anderson (1992: 302), autor de uma recente teoria -- Morfologia A-morfa -- que prevê «the elimination of much of the apparatus of word-internal boundary elements and constituent structure common in morphological discussions», considera que

- (5) «we have no clear evidence to decide for or against a restriction of composite structure to binary branching, although Mandarin compounds such as *ji-ya-yu-rou* "animal foodstuffs" (literally "chicken-duck-fish-meat") would appear to provide a good *prima facie* case for non-binary structure»

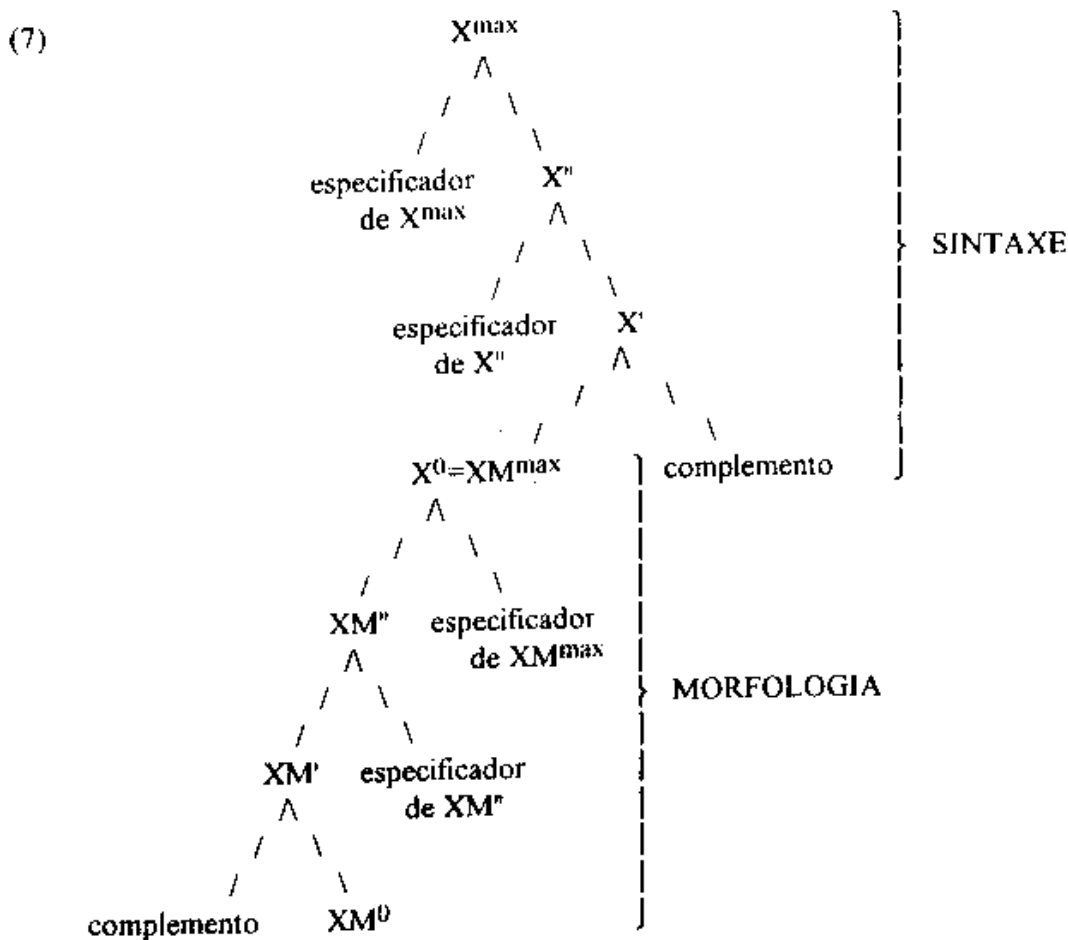
No Português, os compostos referidos em (6) exemplificam este tipo de estruturas

- (6) *afro-luso-brasileiro*
autor-compositor-intérprete
bate-escova-aspira

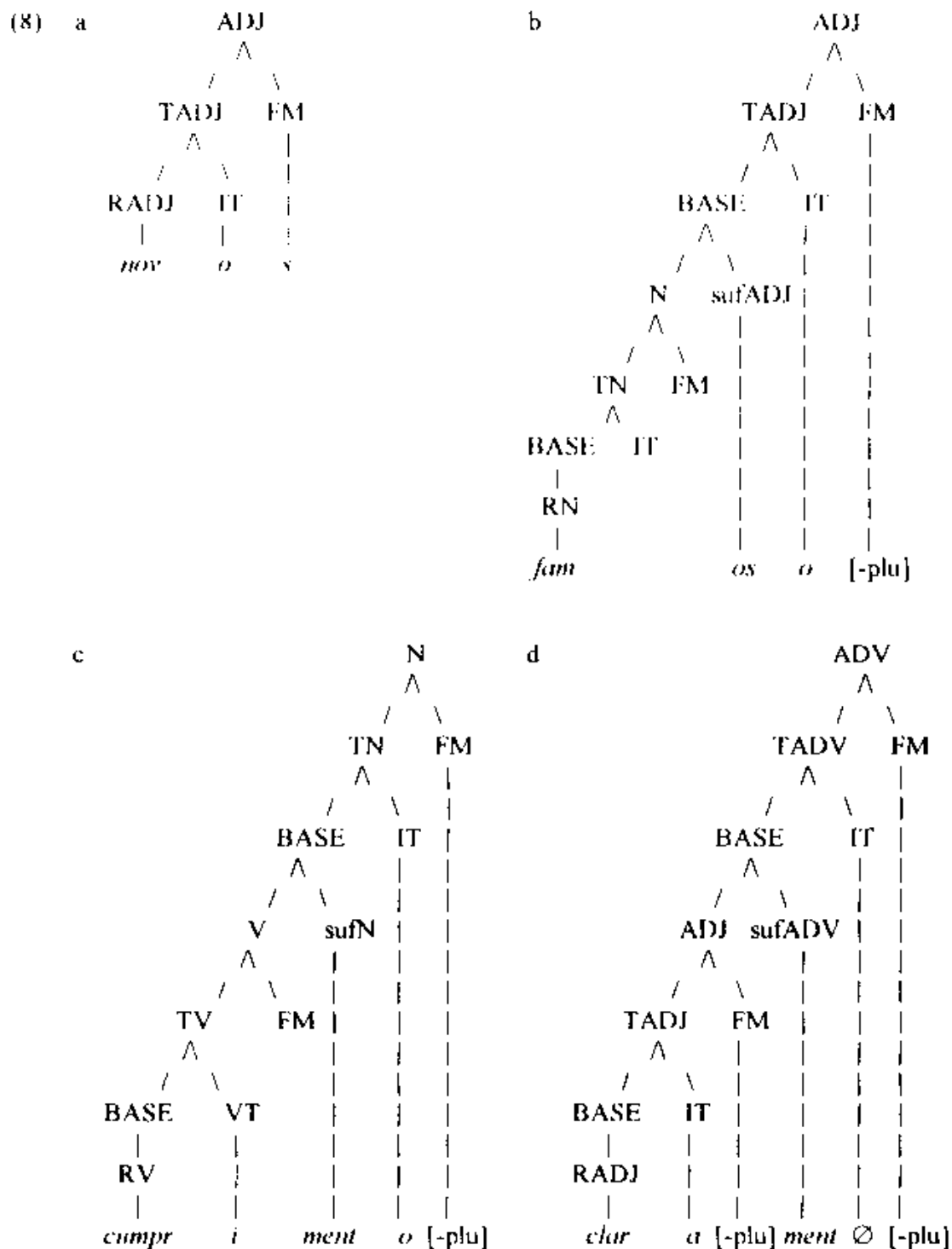
Assim, proponho uma observação destes dois tipos de estruturas (parassintéticos e compostos coordenados), no quadro dos princípios de representação das estruturas morfológicas definidos pela Teoria XM-Barra, que permita discutir o seu eventual estatuto de configurações não-binárias

¹ Spencer (1991: 311) afirma que «it is possible for a compound to be a simple conjunction of two elements, without any further dependency holding between them. The Sanskrit term *dvandva* (literally 'two-and-two', meaning 'pair') is used to describe these »

2. No modelo que defendo (cf. Villalva 1994), as estruturas morfológicas são geradas por uma versão da Teoria X-Barra, que designo por **XM-Barra**, e que corresponde a uma imagem em espelho da versão apresentada por Sportiche (1989) para as estruturas sintáticas:

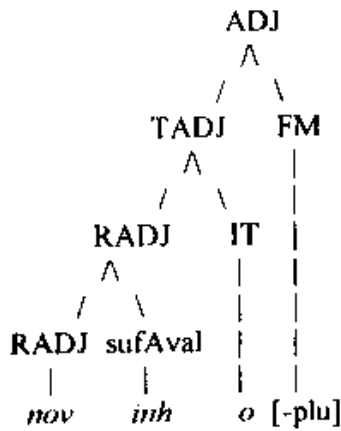


Neste modelo, a estrutura básica das palavras constrói-se a partir de relações binárias estritas: entre os **sufixos de flexão** (especificador de $XM^{\max} = FM^{\max}$) e o **tema** (XM''); entre o **constituente temático** (especificador de XM'') e o **núcleo** XM^0 ; e entre o **núcleo** (quando se trata de um **predicador transitivo**, ou seja, um **sufixo derivacional**) e o **complemento**. Assim, a estrutura interna das palavras simples e das palavras derivadas por sufixação é claramente binária, e pode ser exemplificada pelas seguintes formas:

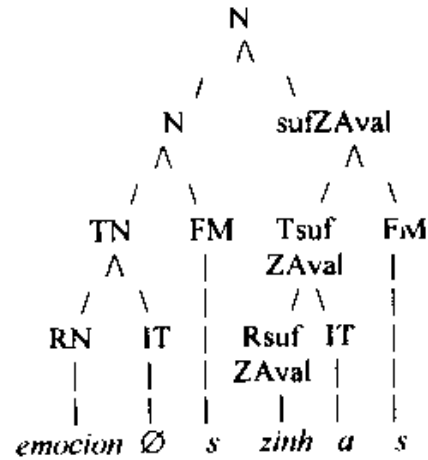


Quanto à **sufixação avaliativa**, **Z-avaliativa** e à **prefixação**, ou seja, quanto aos afixos que não determinam a categoria sintáctica das palavras em que ocorrem, sendo caracterizáveis como **modificadores morfológicos**, considerarei que geram **estruturas de adjunção**.

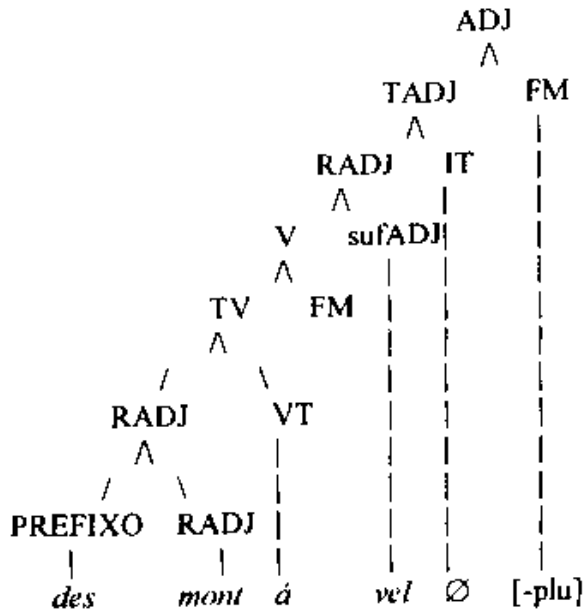
(9) a



b.



c.



Neste quadro de análise, a possível existência de estruturas morfológicas não-binárias é, pois, problemática. Na secção seguinte retomarei a discussão sobre as formas parassintéticas e em 4 discutirei os compostos registados em (6).

3. O primeiro caso referido como uma potencial estrutura não-binária envolve um prefixo, ou seja, um modificador morfológico. Note-se que a formação de verbos **parassintéticos** pode (cf. 3) ou não (cf. 10a) integrar um sufixo derivacional, o que aproxima este processo da **conversão** (cf. 10b), que também coexiste com a formação de verbos por sufixação derivacional (cf. 10c):

- | | | | | | |
|---------|---|----|---|----|--|
| (10) a. | <i>acampar</i>
<i>destronar</i>
<i>embarcar</i> | b. | <i>insultar</i>
<i>olhar</i>
<i>remar</i> | c. | <i>escurecer</i>
<i>pestanear</i>
<i>pentear</i> |
|---------|---|----|---|----|--|

Por outro lado, os verbos parassintéticos coexistem, em alguns casos, com verbos em que o prefixo não está presente, com diferentes ou idênticos valores semânticos, ainda que estes últimos sejam frequentemente assinalados (por exemplo nos dicionários) como 'arcaísmos' ou 'provincianismos' (cf. 11a). Este contraste é também visível em formas cognatas que, em línguas diferentes, podem ocorrer ou não como parassintéticos (cf. 11b):

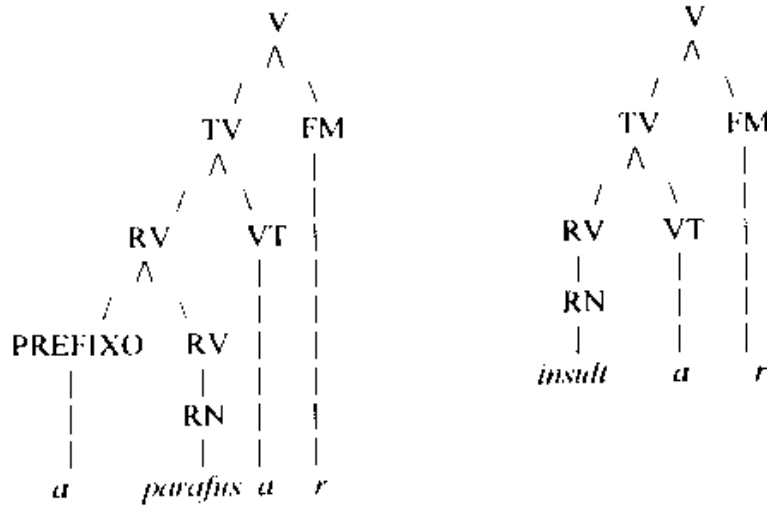
- | | | | |
|---------|---|--|--|
| (11) a. | <i>aparafusar</i>
<i>emoldurar</i>
<i>encaracolar</i>
<i>escavacar</i>
<i>engravidar</i>
<i>elanguescer</i>
<i>enquadrar</i>
<i>esfarrapar</i> | <i>parafusar</i>
<i>moldurar</i>
<i>caracolar</i>
<i>cavacar</i>
<i>gravidar</i>
<i>languescer</i>
<i>quadrar</i>
<i>farrapar</i> | cf. <i>caracolear</i>
cf. <i>cavaquear</i> |
| b. | Português
Castelhano
Francês
Inglês | <i>abotoar</i>
<i>abotonar</i>
<i>boutonner</i>
<i>button</i> | <i>enriquecer</i>
<i>enriquecer</i>
<i>enrichir</i>
<i>enrich</i> |
| | | | <i>aprofundar</i>
<i>profundizar</i>
<i>approfondir</i>
----- |

Note-se, aliás, que o inverso de (11a), ou seja, a coexistência de um verbo simples com um parassintético não sancionado pela norma do Português, está igualmente atestado:

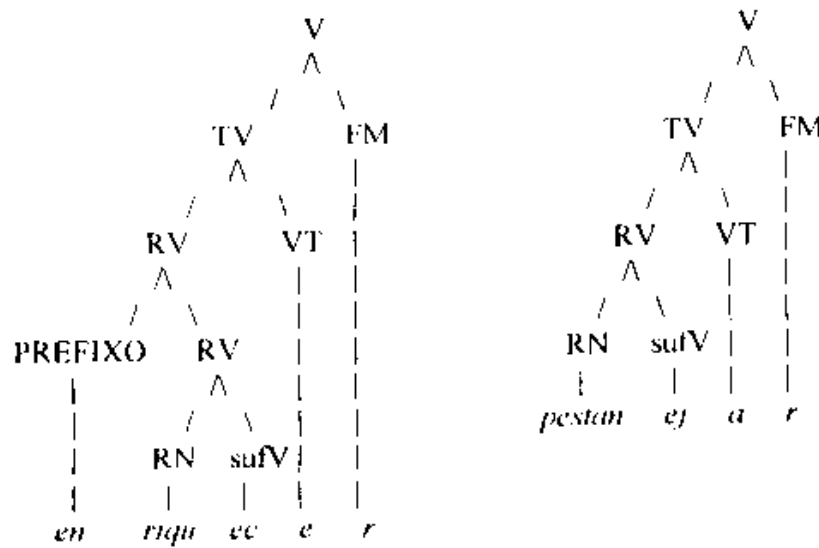
- | | | |
|------|--------------------------------|----------------------------------|
| (12) | <i>limpar</i>
<i>mandar</i> | <i>alimpar</i>
<i>amandar</i> |
|------|--------------------------------|----------------------------------|

Pode, pois, admitir-se que os verbos referidos em (10a) são derivados por **conversão** (a partir de um radical nominal), tal como os de (10b), mas no primeiro caso a adjunção de um prefixo é obrigatória (cf. 13a). A adjunção do prefixo também é obrigatória nas formas referidas em (3), que, paralelamente às formas registadas em (10c), são derivadas por sufixação. Nas formas referidas em (11a) ou em (12), a adjunção do prefixo é opcional. Nesta hipótese, os verbos parassintéticos têm uma estrutura binária:

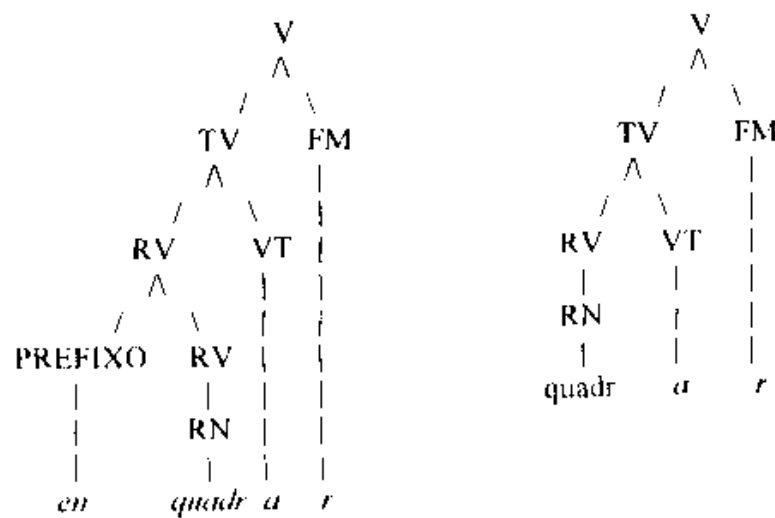
(13) a



b.



c



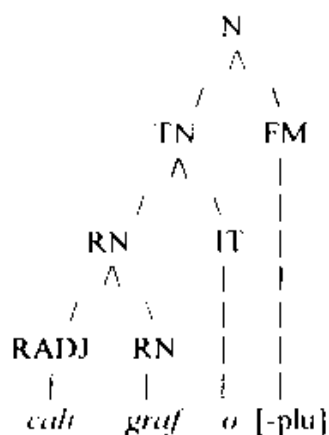
Os dados aqui apresentados não permitem, no entanto, extrair uma conclusão convincente quanto à representação dos verbos parassintéticos a opcionalidade / obrigatoriedade de adjunção do

prefixo, por exemplo, fica por esclarecer, e a legitimidade da existência de radicais verbais, quando são base da adjunção obrigatória de um prefixo (cf. *tramar, riqueret*) fica também por demonstrar. Mas é legítimo admitir que as formas parassintéticas não constituem prova evidente da existência de configurações não-binárias em morfologia.

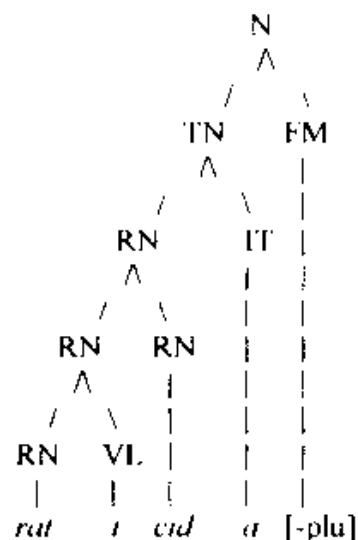
4. O segundo caso, exemplificado em (6), diz respeito a um tipo de compostos, geralmente chamados copulativos.

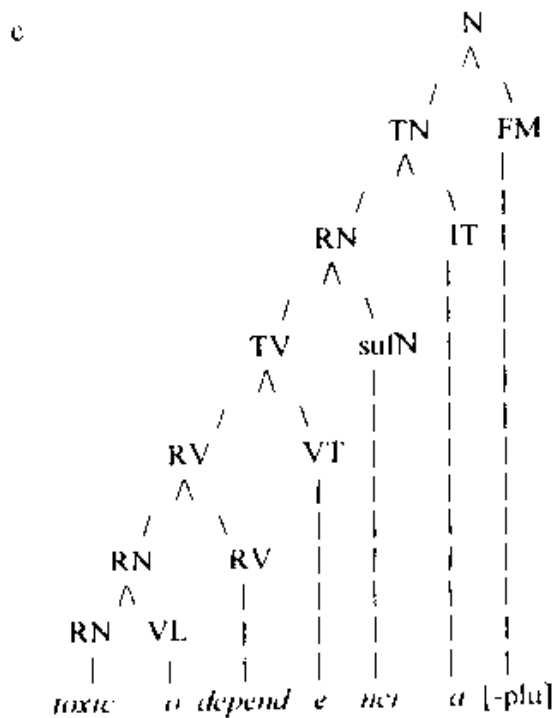
Em Português, a composição reconhece três diferentes processos. O primeiro, que designo por composição morfológica, consiste na concatenação de dois ou mais radicais e, tal como os processos de afixação, configura estruturas XM-Barra.

(14) a



b





Considerando que o radical da direita (cf *graf, cid, depend*) é o núcleo destas estruturas compostas, e que os radicais são **predicadores intransitivos**, o constituinte da esquerda só pode ser um **complemento não subcategorizado** ou um **modificador**. Assim, entre estes dois constituintes existe uma **relação de subordinação**. Nestas estruturas, a realização da vogal de ligação é condicionada por um traço idiossincrático do radical à sua direita: se o radical é [+latino], a vogal que ocorre é *-i-* (cf 14b), nos restantes casos é *-o-*.

Mas nem todos os compostos morfológicos manifestam este tipo de relação entre os seus constituintes. Formas como *luso-brasileiro* ou *infanto-juvenil*, cujos constituintes são categorialmente idênticos e em que a vogal de ligação é obrigatoriamente *-o-*², exemplificam compostos morfológicos cujos constituintes são termos coordenados. Assim, pode admitir-se que tanto o radical da esquerda como o radical da direita sejam o núcleo do radical composto, ou, inversamente, que se trata de estruturas excêntricas. É nestes casos que a ocorrência de três

² Note-se que a vogal de ligação que ocorre em *fruticultura* ou em *horticultura* é diferente da que ocorre entre os dois primeiros constituintes de *hortofruticultura*, apesar de se tratar de radicais [+lat]. porque esses constituintes são termos coordenados entre si.

constituintes configura uma estrutura ternária, mas os argumentos que suportam esta análise são quase exclusivamente semânticos:

- (15) *um acordo afro-luso-brasileiro é um acordo entre africanos, portugueses e brasileiros.*
 **um acordo afro-luso-brasileiro é um acordo entre africanos, por um lado, e portugueses e brasileiros, por outro.*
 **um acordo afro-luso-brasileiro é um acordo entre africanos e portugueses, por um lado, e brasileiros, por outro.*

Com efeito, o que formalmente caracteriza estas estruturas é a possibilidade que os seus constituintes têm de comutar posições (cf. 16a). Esta possibilidade é inacessível aos compostos de subordinação (cf. 16b), mas também não pode generalizar-se a todos os compostos coordenados (cf. 16c).

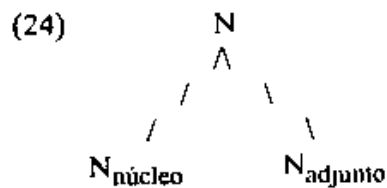
- (16) a. *o pacto mexicano-argentino-colombiano ...*
o pacto mexicano-colombiano-argentino ...
o pacto colombiano-mexicano-argentino ...
o pacto argentino-mexicano-colombiano ...
o pacto colombiano-argentino-mexicano ...
o pacto argentino-colombiano-mexicano ...
- b. *uma operação de microneurocirurgia ...*
 **uma operação de microcirurgianeuro*
 **uma operação de neuromicrocirurgia*
 **uma operação de cirurgiaamicroneuro*
 **uma operação de neurocirurgiamicro*
 **uma operação de cirurgiaamicroneuro*
- c. *a literatura infanto-juvenil ...*
 **a literatura juveno-infantil ...*

O segundo tipo de composição diz respeito a formas geradas por um processo morfo-sintáctico de reanálise³, ou seja, formas que têm uma estrutura sintáctica e uma estrutura morfológica, pertencendo o núcleo sintáctico a uma categoria distinta da do núcleo morfológico. Em Português há dois tipos de estruturas compostas geradas por reanálise: a primeira é uma estrutura de subordinação (cf. 17a) e a segunda é uma estrutura de coordenação (cf. 17b).

³ Note-se que a conversão (cf. 10a), ou as orações infinitivas referidas por Raposo (1987) são também estruturas de reanálise.

- (23) a. *convidados-mistério*
governos-sombra
palavras-chave
- b. *convidada-mistério*
- c. *convidadinho-mistério*
governozinho-sombra
palavrinha-chave
- cf. **convidado-misteriozinho*
 cf. **governo-sombrazinha*
 cf. **palavra-chavezinha*

Assim, pode admitir-se que estas estruturas são geradas por adjunção sintáctica à direita, mas que, tratando-se de uma adjunção de X^0 a X^0 , ou seja, sendo o nó dominante também uma categoria X^0 , a sua estrutura sintáctica é **sintacticamente opaca**. A representação destas formas é, pois, a seguinte:



Quando estas estruturas contêm mais de dois constituintes, trata-se, claramente de estruturas recursivamente binárias:

- (25) a. *uma conta-poupança-habitação*
duas contas-poupança-habitação
uma conta-poupanças-habitação
- b. *continha-poupança-habitação*
conta-poupançazinha-habitação

Quanto às formas referidas em (22b) e (22c), verifica-se que a flexão e os contrastes de género se manifestam em todos os constituintes, o que mostra que todos eles são potenciais núcleos:

- (26) a. *surdo-mudo*
surda-muda
- b. *surdo-mudo*
surdos-mudos
- autor-compositor*
autora-compositora
- autor-compositor*
autores-compositores

Curiosamente, a modificação avaliativa indicia precisamente o contrário, ou seja, este processo morfológico não reconhece nenhum dos constituintes como núcleo, pelo que só a adjunção de um sufixo Z-avaliativo à direita da estrutura composta permite obter sequências bem-formadas.

- (27) **surdinho-mudinho*
 **surdinho-mudo*
 **surdo-mudinho*
surdo-mudozinho

**autorzinho-compositorzinho*
 **autorzinho-compositor*
autor-compositorzinho

Note-se que nos casos em que a coordenação envolve nomes com diferente valor de género, o composto é masculino, e que a forma avaliativa demonstra que o sufixo só pode ter escopo sobre toda a estrutura quando não está associado a nenhum dos constituintes

- (28) *bar-discotecazinho*
 **suazinho-casaco*

Face a estes dados, é possível concluir que os compostos coordenados são estruturas exocêntricas, geradas por adjunção simétrica, ou seja, por conjunção. Consequentemente, pode admitir-se que este tipo de estruturas não é inerentemente binário, ou seja, que a ramificação do nó que os domina, domina ao mesmo nível todos os seus constituintes.

- (29) a. *um autor-compositor-intérprete*
dois autores-compositores-intérpretes.
um autor-compositor-intérpretezinho
- b. *um rádio-gravador-leitor de cassetes*
dois rádios-gravadores-leitores de cassetes
um rádio-gravador-leitor de cassetezinho

Falta, porém, confirmar que a inexistência de um núcleo nas estruturas de coordenação é condição necessária e suficiente para a sua representação como configurações não-binárias. A questão fica aberta à discussão.

REFERÊNCIAS

- Stephen R. Anderson
 1992 *A-Morphous Morphology*
 Cambridge University Press

Mark Aronoff

- 1976 *Word Formation in Generative Grammar*
Cambridge, Massachusetts: The MIT Press

Laurie Bauer

- 1978 *The Grammar of Nominal Compounding*
Odense University Press

André Eliseu e Alina Villalva

- 1991 Tira-teimas: entre morfologia e sintaxe
Actas do 7º Encontro da Associação Portuguesa de Linguística

Rochelle Lieber

- 1980 *On the Organization of the Lexicon*
MIT. Dissertação de PhD

Eduardo Paiva Raposo

- 1987 Case theory and Infl-to-Comp: the inflected infinitive in European Portuguese
Linguistic Inquiry 18 (85-109)

Sergio Scalise

- 1984 *Generative Morphology*
Dordrecht: Foris

Andrew Spencer

- 1991 *Morphological Theory. An Introduction to Word Structure in Generative Grammar*
Oxford: Basil Blackwell

Dominique Sportiche

- 1989 Le mouvement syntaxique: contraintes et paramètres
Langages 95 (35-80)

Alina Villalva

- 1994 *Estruturas Morfológicas. Unidades e Hierarquias nas Palavras do Português.*
Dissertação de Doutoramento
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa